

# UM BREVE PASSEIO PELO UNIVERSO CULTURAL SÃO-JOANENSE E CATAGUASENSE: O BARROCO, O ECLETISMO E O MODERNISMO

Vânia Roseli Vilela de Ávila<sup>1</sup>

Podemos dizer que o Barroco<sup>2</sup> é termo estilístico e filosófico da História da sociedade ocidental, um movimento inspirado no fervor religioso e na passionalidade da Contra-Reforma<sup>3</sup>. O barroco é uma manifestação artística que procura comover intensamente o espectador, quer seja na arquitetura, escultura, pintura, literatura e nas demais vertentes em que se apresenta. O barroco brasileiro, claramente associado ao catolicismo, desenvolveu-se durante o século XVIII até o início do século XIX. Duas vertentes tipificam o barroco brasileiro: o das regiões açucareiras e o das mineradoras; nas regiões que não tiveram nem açúcar e nem ouro, as construções religiosas apresentam tímidas talhas e foram erguidas por artistas menos expressivos. O Barroco, portanto, estava ligado a uma condição econômica favorável. O ponto culminante do barroco aliado à riqueza aurífera apareceu em Minas Gerais, através dos grandes mestres que trabalharam neste Estado, dando origem ao que se chamou de Barroco Mineiro.

O Ecletismo mostra-nos a combinação de diferentes estilos históricos em uma única obra. “Se percebe no ecletismo um amálgama entre a tradição e o progresso”. Observa-se, especialmente na arquitetura do século XIX e XX, que:

No intervalo de aproximadamente setenta anos (1880-1950), São João del-Rei registra um patrimônio que legará para a história de sua arquitetura, variedades que vão desde o ecletismo iniciante, depurado e com características quase neoclássicas até o resquício de um modernismo insipiente (LIMA, 1995).

O Modernismo é uma corrente artística que surgiu na última década do século XIX. O nome deste movimento deve-se à loja que o alemão Samuel Bing abriu em Paris no ano de 1895: *Art Nouveau*. No resto da Europa difundiram-se várias traduções: Modernismo, na Espanha; Jugendstil, na Alemanha; Secessão, na Áustria; e Modern Style, na Inglaterra e Escócia. Com características próprias em cada um desses países, foram as primeiras exposições internacionais organizadas nas capitais européias que contribuíram para forjar certa homogeneidade estilística. A arquitetura foi a disciplina integral à qual se subordinaram as outras artes gráficas e figurativas modernistas. Reafirmou-se o aspecto decorativo dos objetos de uso cotidiano, mediante uma linguagem artística repleta de curvas e arabescos, de acentuada influência oriental. A Semana de Arte Moderna, entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, é considerada como o marco inicial do Modernismo brasileiro. Aquele evento, repleto de conferências, apresentações musicais e literárias, dança e música, reuniu dezenas de intelectuais da época e foi liderado pelo “Grupo dos Cinco”, composto por Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti del Pichia.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei - MG, sócia efetiva do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto e sócia correspondente da Academia Valenciana de Letras (Valença - RJ).

<sup>2</sup> A palavra barroco é de origem portuguesa; já serviu para designar uma *pérola de forma irregular*.

<sup>3</sup> Movimento também denominado Reforma Católica, surgido em contraposição à Reforma Protestante, iniciada com Lutero, em 1517.

O Barroco Mineiro, com suas ligações profundas com o ciclo do ouro, encontra-se ainda bastante tipificado em São João del-Rei, além de outras cidades históricas de MG. O Modernismo em Minas Gerais tem a sua maior representação na cidade de Cataguases. Ambas as cidades apresentam-se com representações sentimentais fortes em minha vida e na minha formação: sou cataguasense de nascimento e são-joanense por opção, desde 1986, e por adoção, desde 2005<sup>4</sup>.

A Cataguases coube a primazia do Modernismo em Minas Gerais. Esse pioneirismo deveu-se principalmente a Francisco Inácio Peixoto, o maior industrial daquela cidade, também escritor e poeta. Ele é quem foi o mecenas que patrocinou diversas obras modernistas que até hoje encantam a cidade!

Thiago Segall Couto, arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, assim se expressou a respeito da tradição modernista cataguasense:

Localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, Cataguases é uma cidade que no decorrer do século XX teve seu nome associado a empreendimentos industriais e com uma significativa produção cultural identificada com o espírito e o estilo modernista. Seu patrimônio artístico e arquitetônico, formado, sobretudo, nas décadas de 40 e 50, é mencionado em diversas publicações, geralmente acompanhado de um sentimento que reúne surpresa e curiosidade, ao se relacionar a importância desse patrimônio com o contexto singular de pequena cidade do interior. A título de exemplo, no livro *Arquitetura Moderna no Brasil*, de Henrique E. Mindlin, encontramos o seguinte comentário: “Cataguases é um caso curioso de pequena cidade, com apenas 20 mil habitantes, que pode se gabar de ter um grande número de projetos arquitetônicos modernos”. E de acordo com o arquiteto Francisco Bolonha, que projetou diversas obras na cidade: “Cataguases é uma exceção, pois viveu, na prática, a democracia propalada pela arquitetura modernista, que outras cidades só conheceram em discurso”. (...) Para a historiografia, a presença de uma atuante elite intelectual na cidade apresenta-se como um fator decisivo para a ocorrência de boa parte das produções culturais, principalmente a arquitetura. Merece destaque central, nesse aspecto, o industrial e escritor Francisco Inácio Peixoto, pois, além de membro criador da revista Verde, a ele é atribuído o impulso inicial da produção da arquitetura moderna na cidade, devido à encomenda feita a Oscar Niemeyer do projeto de sua própria residência (1941), que contou com paisagismo de Roberto Burle Marx, mobiliário de Joaquim Tenreiro, e esculturas de José Pedrosa. (COUTO, 2004).

Cataguases é também a cidade importante na história do cinema nacional, haja vista que:

Humberto Mauro (1897-1983) fez filmes entre 1925 e 1974, tendo sempre como tema e foco o Brasil, e foi reconhecido por isso como o “mais brasileiro” dentre os diretores do cinema nacional. Realizou filmes nos vários momentos em que o cinema de ficção parecia nascer ou renascer das próprias cinzas - do ciclo regional em Cataguases nos anos 20 (5 filmes), passando pelo sonho conjunto com Adhemar Gonzaga na Cinédia entre 30 e 33 (3 filmes), onde dirigiu seu filme mais conhecido e reconhecido - *Ganga Bruta* (1933). Realizou com a atriz e produtora Carmen Santos seu filme de maior sucesso de público - *Favella dos meus amores* (1935) - e *Cidade mulher* (1936), ambos perdidos

---

<sup>4</sup> Por iniciativa do ex-vereador Domingos Ramos Alves, através da Câmara Municipal, em 06 de dezembro de 2005 fui agraciada com o título de cidadã honorária de São João del-Rei.

num incêndio da Brasil Vita Filmes. Em 1937, dirigiu *O Descobrimento do Brasil* para o Instituto do Cacau da Bahia. Em 1940, fez *Argila*. Em 1952, criou seu próprio estúdio, o Rancho Alegre, reatando os laços com a cidade natal, Volta Grande, onde filmou *Canto da saudade*, seu último filme longo. Em 1974, *Carro de bois* foi o último filme. Entre 1936 e 1967 foi o cineasta responsável pela realização de 357 filmes do Instituto Nacional de Cinema Educativo, criado pelo Ministério da Educação e Saúde de Gustavo Capanema e dirigido pelo antropólogo Edgard Roquette-Pinto até 1947. Mauro, portanto, percorreu e construiu com suas lentes o país que se inventa e reinventa sem cessar. Colocou em movimento as imagens e o imaginário que conformara o Brasil até então e continuava a se produzir, dando-lhes a sua interpretação, acrescentando símbolos, reiterando outros. Como diretor dos filmes do Instituto Nacional de Cinema Educativo, órgão criado em 1936 para ser um meio avançado de educação, participou com o antropólogo Edgard Roquette-Pinto, seu diretor, da grande empreitada de, através das imagens de seus vultos históricos, riquezas naturais, descobertas científicas e tecnológicas, criar um novo país. Nesse sentido, estes inúmeros filmes que procuram abordar diferentes aspectos nacionais terminam por compor um novo inventário sobre um país que, acreditava-se, devia se conhecer para se forjar, e o cinema seria um grande aliado nessa tarefa. É importante assinalar aqui que Mauro realizará nesse período os primeiros filmes científicos nacionais (SCHVARZMAN, 2000).

A cidade de Cataguases, assim como o Brasil, reverencia a ousadia cinematográfica de Humberto Mauro<sup>5</sup>:

Nessa trajetória de 50 anos de filmes, Humberto Mauro constrói um Brasil em imagens que vêm a se tornar, elas mesmas, matrizes do cinema brasileiro. E o próprio Mauro torna-se um símbolo de brasilidade e autenticidade, “a substância maior que não foi percebida”, apropriado como bandeira do Cinema Novo por Gláuber Rocha, descoberto e redescoberto por críticos e historiadores do cinema, no primeiro momento de construção da história do cinema brasileiro no final dos anos 50. Alex Vianny, Paulo Emílio Salles Gomes e o próprio Mauro só reiteram os signos que são identificados como os de sua autenticidade a cada nova diferente fase da defesa e da construção da nacionalidade (anos 50 a 70). No momento de seu depoimento de 1966 ao Museu da Imagem e do Som, por exemplo, é interessante perceber como já historiciza as suas memórias, de forma a caber nos discursos que soam bem aos ouvidos dos críticos. Se percebe neo-realista antes do neo-realismo, por exemplo, dando a si e aos brasileiros a primazia na criação do novo estilo cinematográfico. (conf. SCHVARZMAN)<sup>6</sup>

É também conhecida a trajetória daqueles que ficaram apelidados de “Ases de Cataguases”<sup>7</sup> e que fundaram a Revista Literária Verde, no ano de 1927. A publicação foi o principal veículo para a solidificação do Modernismo em terras Mineiras:

Um grupo de rapazes editando uma revista contra as regras literárias acadêmicas, na década de vinte, não parece novidade. Porém, se esses

---

<sup>5</sup> Humberto Mauro nasceu em Volta Grande, (então vilarejo da Zona da Mata, originado em volta de uma Estação da Estrada de Ferro Leopoldina, de 1874, que pertencia ao Município de Além Paraíba, emancipado em 1938), mas passou a sua vida na vizinha cidade de Cataguases, onde chegou ainda menino.

<sup>6</sup> Em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/seis/3.htm>

<sup>7</sup> Grupo composto por Rosário Fusco, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Camilo Soares, Martins Mendes, Oswaldo Abritta e Cristophoro Fonte Boa. Eles foram apelidados por Mário de Andrade de “Os Ases de Cataguases”.

rapazes estão na Zona da Mata Mineira, a 315km de Belo Horizonte, 240km do Rio e 655km de São Paulo; se eles estão editando uma revista de circulação nacional que congrega vários outros grupos, inclusive artistas internacionais; e se eles têm uma produção artística do mais vivo vanguardismo, então esse grupo torna-se curioso, no mínimo. (RICHA,2008)

O Manifesto Verde, uma espécie de “carta de intenções” publicada na revista Verde número 3, de 1927 (antes do “Manifesto Antropófago”, que é de 1928), trouxe fortes argumentações, irreverentes, indignadas e carregadas de fortes apelos de independência e pela não acomodação da cultura. Vejamos o manifesto:

Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros que dogmatizam, empoleirados nas colunas dos jornais mirins do interior. E seria inútil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando. Nem é uma limitação dos nossos fins e processos, porque o moderno é inumerável. Mas é uma limitação entre o que temos feito e o que os outros fizeram. Uma separação entre nós e os nossos adesistas de última hora, cuja adesão é um desconforto. Pretendemos também focalizar a linha divisória que nos põe no lado oposto ao dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros. Não sofremos a influência direta estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês. Mas não pense ninguém que pretendemos dizer que somos - os daqui - todos iguais. Somos diferentes. Diversíssimos até. Mas, muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas. Nossa situação topográfica faz com que tenhamos, é fato, uma visão semelhante do conjunto brasileiro e americano, e da hora que passou, passa e que está para passar. Daí a união do grupo VERDE. Sem prejuízo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós. Um dos muitos particulares característicos do nosso grupo é o objetivismo. Todos somos objetivistas. Explicação? Não precisa. Basta meter a mão na cabeça, pensar, comparar e concordar. O lugar que é hoje bem nosso no Brasil intelectual foi comparado tão somente ao do forte grupo de Belo Horizonte, tendo à frente o entusiasmo moço de Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Martins de Almeida e Emílio Moura, com a fundação da Revista, que embora não tendo tido vida longa, marcou época na história da inovação moderna em Minas (Eles é que primeiro catequizaram os naturais de Minas e nos animaram com o exemplo para a publicação de VERDE). Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literária deles. Somos nós. Somos VERDES e este manifesto é feito especialmente para provocar um gostosíssimo escândalo interior e até vaias íntimas. Não faz mal, não. É isso mesmo. Acompanhamos São Paulo e Rio em todas as suas inovações e renovações estéticas, quer na literatura como em todas as artes belas, não fomos e nem somos influenciados por eles, como querem alguns. Não temos pais espirituais. Ao passo que outros grupos, apesar de gritos e protestos no sentido do abasileiramento de nossos motivos e nossa fala, vivem por aí a pastichar o “modus” bárbaro do Sr. Cendrars<sup>8</sup> e outros franceses escovados ou pacatíssimos. Não temos pretensão alguma de escanchar os nossos amigos. Não. Absolutamente. Queremos é demonstrar apenas a nossa independência no sentido escolástico, ou melhor, “partidário”. O nosso movimento verde nasceu de um simples jornaleco da terra - JAZZ BAND. Um jornalzinho com tendências modernistas que logo escandalizaram os pacatíssimos habitantes desta Meia Pataca. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas. E daí nasceu a nossa vontade firme de mostrar a essa gente toda que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de

---

<sup>8</sup> Blaise **Cendrars**: referência ao pseudônimo do escritor e poeta suíço-francês Frédéric Sauser, que visitou o Brasil de 1924 a 1935. Aconselhou aos modernistas que tomassem o trem para Minas e ao invés de navios para o Le Havre (porto que leva a Paris). Acompanhou os modernistas em sua viagem pelas cidades históricas de MG, em 1924.

competir com o pessoal lá de cima. A falta de publicações, casas editoras e dinheiro tinha feito com que ficássemos à espera do momento propício para aparecer. Mas a VERDE saiu. VERDE venceu. Não esperamos aplausos ou vaias públicas, porque aquilo que provoca verdadeiro escândalo põe o brasileiro indiferente, na aparência, com medo ou com vergonha de entrar no barulho. Sim. Não esperamos aplausos ou vaias públicas. Os aplausos de certos públicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra aplaudida com aqueles que a compreenderam. Não fica atrás a vaia. A vaia é às vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores. Por isso preferimos a indiferença. Esta será a mais bela homenagem que nos prestarão os que não nos compreendem. Por que atacar a VERDE? Somos o que queremos ser e não o que os outros querem que sejamos. Isto parece complicado, mas é simples. Exemplo: os outros querem que escrevamos sonetos líricos e acrósticos portugueses com nomes e sobrenomes. Nós preferimos deixar o soneto na sua cova, com os seus quatorze ciprestes importados, e cantar simplesmente a terra brasileira. Não gostam? Pouco importa. O que importa, de verdade, é a glória de VERDE, a vitória de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do país. Considera-nos a grande imprensa os únicos literatos que têm coragem de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o público de nossa terra, o respeitável público, nos tem na conta de uns simples malucos, criadores de coisas absolutamente incríveis. É positivamente engraçado. E foi para dizer estas coisas que lançamos o manifesto de hoje, que, apesar de tão encrocado, nada tem de manifesto, apenas um ligeiro rodeio em torno da nossa gente, do nosso meio.

#### RESUMINDO:

- 1.º Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo literário.
- 2.º Temos perfeitamente focalizada a linha divisória que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.
- 3.º Nossos processos literários são perfeitamente definidos.
- 4.º Somos objetivistas, embora diversíssimos uns dos outros.
- 5.º Não temos ligação de espécie nenhuma com o estilo e o modo literário de outras rodas.
- 6.º Queremos deixar bem frisada a nossa independência no sentido "escolástico".
- 7.º Não damos a mínima importância à crítica dos que não nos compreendem.

Cataguases/1927

Enrique de Resende, Ascânio Lopes, Rosário Fusco, Guilhermino César, Fonte Boa, Martins Mendes, Oswaldo A Britta, Camilo Soares, Francisco I. Peixoto.

As obras modernistas da cidade de Cataguases foram objeto de tombamento pelo IPHAN, em 1994, assim como o núcleo histórico de São João del-Rei, em 1938. As principais obras modernistas na cidade de Cataguases são: Santuário de Santa Rita - projeto Edgar Guimarães do Valle, 1944; apesar de ser um projeto de grande importância modernista, para a sua construção foi sacrificada uma Igreja neogótica projetada por Agostinho Horta Barbosa em 1893<sup>9</sup>. Residência de José Inácio Peixoto - projeto Edgar Guimarães do Valle, 1946. Residência Francisco Inácio Peixoto, projeto Oscar Niemeyer, 1941-44. Colégio Cataguases - projeto

---

<sup>9</sup> Lamentamos a derrubada da primitiva Igreja de Matosinhos, de 1770; em Cataguases também demoliram uma igreja neogótica, de 1893. Se aqui a demolição teve como protagonista o pe. Jacinto Lovato, em Cataguases a demolição teve como protagonista o monsenhor Solindo José da Cunha, nascido em São João del-Rei em 21 de julho de 1900 e falecido em Cataguases no dia 1º de dezembro de 1985. Revendo as Revistas já editadas pelo IHG de S. João del-Rei, deparei-me com o registro "Solindo José da Cunha - Cataguases" na relação de sócios correspondentes (página 101 do volume 01, datado de 1973). A partir do volume 1 da Revista, o nome dele desapareceu da relação de sócios.

Oscar Niemeyer, 1944. Hotel Cataguases – projeto Aldary Toledo e Gilberto Lemos. Escultura “Mulher”, de Jam Zack e móveis do designer Joaquim Tenreiro, 1951. Maternidade e Hospital infantil – projeto Francisco Bologna, 1951. Cinema e Teatro - projeto Aldary Toledo e Carlos Leão, 1953. Edifício “A Nacional” - projeto M.M. Roberto, 1953. Orfanato Dom Silvério - projeto Francisco Bologna, 1954. Mural de Marcier e painel externo de Anísio Medeiros. Monumento a José Inácio Peixoto - Escultura de Bruno Giorgi, painel de Portinari executado por Américo Braga, 1956. Painel de Azulejos na Fachada do Educandário Dom Silvério Anísio Medeiros - "Pássaros" – 1954. Painel de Azulejos na Fachada de Residência Anísio Medeiros - "Feira Nordestina" – 1958. Painel de Pastilhas de Paulo Werneck. Fachada de Residência – 1948. Djanira - Santuário Santa Rita de Cássia; painel de azulejos. Cândido Portinari – painel "As Fiandeiras" – 1956. Já não existe mais, em Cataguases o formidável painel “Tiradentes”, que ornamentava o Colégio Cataguases e foi vendido para o Governo de São Paulo e atualmente está exposto numa das salas do memorial da América Latina; Cataguases se contenta com uma sofrível réplica da dita obra<sup>10</sup>.

Se a Cataguases cabe ser a representante maior do Modernismo em Minas Gerais, a São João del-Rei cabe ser uma representante da arquitetura colonial e das artes barrocas, além do Ecletismo.

Inspirou-me também para a elaboração deste artigo, além das razões já apresentadas, um evento acontecido na vizinha cidade de Tiradentes, na Fundação Oscar Araripe, na noite de 08 de março de 2008, Dia Internacional da Mulher, aonde aconteceu a abertura da exposição “Verdes Modernos”, composta de parte do acervo de pinturas, esculturas e desenhos trazidos do Museu de Belas Artes de Cataguases, com obras de artistas modernistas, trazidas pelo gestor executivo do Instituto Francisca de Souza Peixoto, Marcelo Inácio Peixoto.<sup>11</sup> Era a “minha Cataguases” mais perto da “minha São João del-Rei”! No vernissage apreciamos obras de Iberê Camargo, Heitor dos Prazeres, Jan Zach, Guignard, Faiga Ostrower, Bologna, Ceschiatti, Percu Deane e outros. No folder que apresentou a exposição (uma feliz tentativa de lembrar a capa do volume inicial da “Revista Verde”), o intelectual Sérgio Paulo Rouanet, ex-ministro da Cultura, escreveu que existe um “milagre de Cataguases” ao explicar “o fato de que uma cidade interiorana de Minas Gerais tenha se transformado, no início do século 20, em importante centro de criação e irradiação da cultura, não somente nacional como internacionalmente”.

À presença modernista de Cataguases em Tiradentes, soma-se o espírito barroco mineiro e são-joanense do século XVIII; assim, tudo se converge e se transforma num encontro de tendências, num formidável “laboratório” cultural.

Antes de me transferir definitivamente para São João del-Rei, já impressionava-me a majestosidade da arquitetura aqui existente, da qual ouvira falar e já admirava através de breves visitas. Por reflexos dos modelos das lições da

---

<sup>10</sup> Por ocasião da abertura da exposição “Verdes Modernos”, na Fundação Oscar Araripe, em Tiradentes, iniciou-se uma interessante conversa sobre a possibilidade de a comunidade cataguasense iniciar conversações com o Governo de São Paulo uma negociação para a volta do painel Tiradentes, obra pintada por Cândido Portinari para a cidade de Cataguases. O dr. Sérgio Rouanet sugeriu que a negociação fosse encabeçada pelo Governo de MG. José Antônio de Ávila Sacramento, advertiu que para se obter êxito na negociação, achava necessário ser apresentado por MG uma boa “moeda de troca” a São Paulo, ou seja, uma obra que tivesse simbolismo para os paulistas e que porventura estivesse na posse do Estado de MG.

<sup>11</sup> Na ocasião, José Antônio de Ávila Sacramento e Adenor Luiz Simões Coelho se esforçaram para trazer a exposição “Verdes Modernos” até São João del-Rei, contando com a boa vontade de Marcelo Peixoto. O fato não se concretizou por falta de patrocinadores.

História Oficial<sup>12</sup> recebidas nos meus primeiros bancos escolares, eu fazia uma relação direta desta grandiosidade arquitetônica unicamente com o trabalho de Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”. Até então, antes de aprofundar um pouco mais no tema, eu desconhecia (e, também, ninguém ensinava) que outros mestres tão ou mais formidáveis que o celebrado Aleijadinho existiram e deixaram seus trabalhos nesta cidade, como é o caso de Francisco de Lima Cerqueira, meu patrono de cadeira neste Instituto e a quem ainda ficamos a dever o merecido reconhecimento.

Como preito de reconhecimento ao meu patrono de cadeira neste IHG, reporto-me a “Uma Introdução a posteriori”, contida no livro “Francisco de Lima Cerqueira na Vila de São João del-Rei, Minas, Comarca do Rio das Mortes – 1774-1808” :

...Quem foi afinal Lima Cerqueira, o que fez de tão importante para merecer algum especial reconhecimento da posteridade? Em poucas palavras, poder-se-ia responder que o mestre lusitano foi o responsável pela construção da igreja de São Francisco (até 1805); do frontispício e das torres da igreja do Carmo; pela supervisão da construção das pontes da Cadeia, do Rosário e fiador da feitura da ponte da Misericórdia (hoje, soterrada). Como são monumentos destacados da arquitetura são-joanense, avaliamos que a importância dessas edificações deveria estar atrelada ao nome de quem foi o responsável pelas suas existências, entretanto isto não aconteceu. Aqueles que escreveram sobre parte da arquitetura de São João del-Rei preferiram destacar a hipotética participação do misterioso Aleijadinho, seguindo os cânones da história oficial...(RAMALHO & CHAVES, 2008).

A respeito de tendenciosas atribuições de obras arquitetônicas, especialmente em São João del-Rei, para quem desejar se aprofundar no tema, é importante meditar sobre aquilo que está escrito no livro “A Rasura – Francisco de Lima Cerqueira e Antônio Francisco Lisboa, ainda...”. Nesta obra, o autor Oyama de Alencar Ramalho traz fortes argumentações, todas muito bem fundamentadas, de que houve uma rasura contida no termo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco desta cidade, com a data de 11 de setembro de 1785; o rasurador acrescentara à margem do dito termo, o nome de Antônio Francisco Lisboa no Lugar de Antônio Martins, esquecendo-se, no entanto, de rasurar o mesmo nome que estava escrito no mesmo termo, um pouco mais adiante.

Vê-se, portanto, infelizmente, que no âmbito dos créditos das autorias das obras de arte há sutis e/ou grosseiras alterações a favor de alguém e em prejuízo de outrem, mas todas elas sempre contra a História. Então, creio que já é chegado o tempo de nos determos em estudos que realmente apurem as figuras que trabalharam em favor da arquitetura colonial mineira, principalmente em São João del-Rei, fazendo-lhes a devida justiça, ainda que “in memoriam”. É o que devemos tentar fazer, a despeito da força do *sistema*.

Contudo, muita coisa me impressionou a partir da transferência de Cataguases para esta terra são-joanense: a pujante tradição cultural, educacional, política, literária e arquitetônica de São João del-Rei, fatos que conhecia apenas superficialmente. Aqui pude conhecer de perto as tradições desta cidade, a força de sua musicalidade, a linguagem do toque dos sinos, a singularidade do parque ferroviário da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas - EFOM, a trajetória política e

---

<sup>12</sup> Se há uma “História Oficial”, deve ser porque existe uma outra, a “não oficial”, mas que pode ser a verdadeira!

humanista do dr. Tancredo de Almeida Neves – personalidade que, em 04 de março de 2010, celebramos o centenário de nascimento<sup>13</sup>. Impressionou-me a habilidade artística do santeiro Osni Paiva em transformar toras de madeira em santos tão expressivos que parecem até querer falar. Impressionaram-me o desempenho e a obra do saudoso prof. Sebastião de Oliveira Cintra, o ativismo cultural do sempre lembrado professor Ary Rodrigues, a profunda cultura do prof. Abgar Antônio Campos Tirado e a cultura filosófica do Dr. José Maurício de Carvalho. Impressionou-me também, em São João del-Rei, a cultura, a sobriedade, as qualidades de pesquisador e as aptidões literárias do prof. Oyama de Alencar Ramalho<sup>14</sup>.

Desejo relembrar também que a cidade de Cataguases e a Região dos Campos das Vertentes têm ligações bastante antigas. Muitos já devem ter ouvido falar do Coronel José Vieira de Resende e Silva, nascido em Lagoa Dourada no ano de 1829. Coronel Vieira transferiu-se para Cataguases em 1842. Casou-se com Feliciano, filha do coronel José Dutra Nicácio. Fundou e construiu a Fazenda do Rochedo. Naquela edificação o coronel Vieira revelou toda a sua cultura e o seu espírito de homem moderno. Tinha a convicção de que estava construindo um palácio não só para a residência da família, mas para receber e hospedar toda a elite política, empresarial e social daquela época. É atribuída ao Coronel Vieira a iniciativa de elevação do Curato de Meia Pataca à condição de Município. O romântico nome de Cataguases foi escolhido pelo Coronel Vieira, em homenagem a um riacho do mesmo nome, que existia próximo da casa onde nasceria, em Lagoa Dourada, localidade que dista pouco mais de 4 dezenas de quilômetros de São João del-Rei. Os *Cataguás*, aqui nesta região, também deram nome a um modesto arraial, atual cidade de Entre Rios de Minas e nomeou a histórica fazenda Engenho Velho dos Cataguás.

Desta forma está justificada a minha tentativa de passar aos leitores, através desta publicação, um pouco da minha experiência de quem nasceu na cidade modernista e que vive numa cidade colonial e eclética. Falei sobre coisas bastante diferentes, mas relacionadas. Acredito que a arquitetura pode ser entendida como uma representação material do nosso modo de viver, sendo que as referências culturais visuais podem também representar os nossos desejos. A arquiteta e urbanista Tatiana Pimentel escreveu que “arquitetura é vida: queremos uma casa com telhado colonial para referenciar a nossa origem portuguesa; queremos um sofá com encosto alto e bem almofadado, para sentirmo-nos reis; queremos o brilho do ouro e da prata em nossa casa, carro, móveis para sentirmo-

---

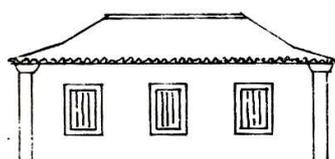
<sup>13</sup> Através do Governo de Minas (governador Aécio Neves da Cunha) e das articulações da dra. Andréa Neves, sob o patrocínio da FIEMG (o são-joanense Dr. Robson Braga de Andrade é o presidente da entidade) foi lançado, ainda no início do ano de 2009, o projeto “Terra de Livres”; além de propor a revitalização urbana do centro histórico, a idéia central do projeto é promover eventos culturais periódicos, através de cortejos, apoiados por uma espécie de plataforma móvel motorizada, que abrigará e arrastará manifestações culturais diversas como teatro, dança, música e projeções, num misto de congraçamento e integração de turistas e moradores locais. No segundo semestre do mesmo ano, foi apresentada a proposta de revitalização dos equipamentos urbanos da cidade, com previsão de início das obras a partir de 04 de março de 2010, integrando as comemorações do centenário do dr. Tancredo Neves. Soma-se a isto a proposta que está em andamento para reconhecer mundialmente a S. João del-Rei como “Cidade Criativa na Música”, pela UNESCO.

<sup>14</sup> Em São João del-Rei, tomei conhecimento do trabalho de Oyama Ramalho e do seu companheiro Átila Godoy para formatar a idéia inicial e justificar a viabilidade do projeto “Estrada Real e suas Variantes”, atual Projeto Estrada Real; assim, podemos afirmar sem receios que *a Estrada Real nasceu aqui!* Pude acompanhar também a idéia da criação do Centro Regional de Documentação das Vertentes, surgida da mente do prof. Oyama (sobre este assunto ver artigo publicado no vol. X da Revista do IHG de São João del-Rei, ano 2002, página 68). Também fiquei sabendo da fundamental participação de Oyama no planejamento e nas articulações para a criação da então FUNREI, hoje UFSJ.

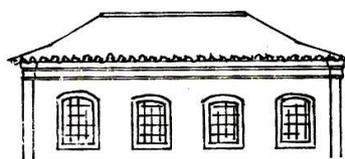
nos valorizados; queremos mármore e outras pedras para dar-nos a sensação de solidez e perenidade a nossos bens”.

Assim, mesmo eu não possuindo habilitação técnica sobre assuntos arquitetônicos, aventurei-me na dissertação destes temas. A minha intenção foi a de passar uma mensagem descritiva e sintética sobre as duas cidades, de forma espontânea e positiva. Se as razões que me levaram a escrever este artigo forem bem compreendidas, dar-me-ei por bastante satisfeita<sup>15</sup>!

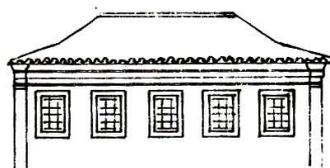
### EXEMPLOS DE EVOLUÇÕES DE FACHADAS EM SÃO JOÃO DEL-REI – MG<sup>16</sup>



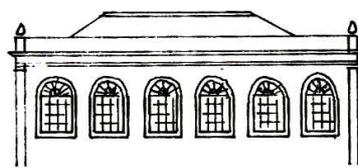
SÉCULO XVII



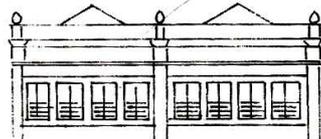
SÉCULO XVIII



INÍCIO SÉCULO XIX



MEADOS SÉC. XIX



INÍCIO SÉC. XX

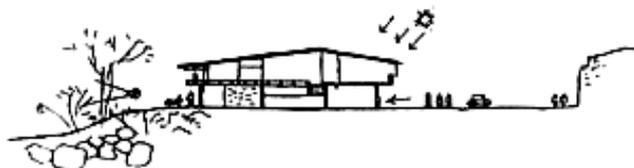


MEADOS SÉC. XX

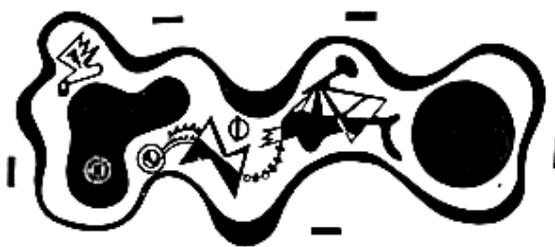
<sup>15</sup> Este artigo foi escrito em setembro de 2009.

<sup>16</sup> Conforme desenho de Sérgio José Fagundes de Souza Lima, in: Revista do IHG de São João del-Rei, vol. VIII, 1995, pág.56.

## EXEMPLOS DA ARQUITETURA MODERNISTA DE CATAGUASES – MG



Croquis de Oscar Niemeyer para a Residência de Francisco Inácio Peixoto, em Cataguases. Fonte: *L'Architecture d'aujourd'hui*. Paris, n. 42-43, 1952, p. 83

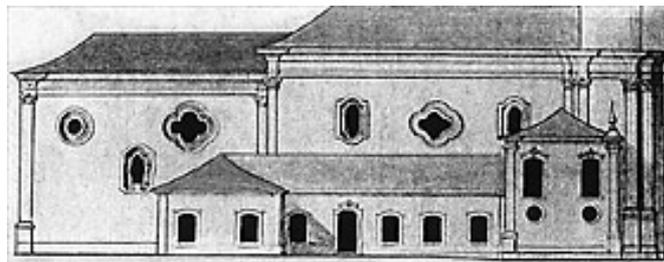


Praça de Cataguases. Projeto de Roberto Burle Marx, 1942. Fonte: MOTTA, Flávio L.. Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem. São Paulo, Nobel, p. 56



Croquis do Cine-Teatro e Clube Social, 1953. Arquitetos Aldary Henrique Toledo e Carlos Leão. Fonte: *L'Architecture d'aujourd'hui*. Paris, n. 42-43, 1952, p. 86

## EXEMPLO DA ARQUITETURA COLONIAL DE SÃO JOÃO DEL-REI - MG



Reprodução de projeto que é creditado para a fachada, frontispício e para a elevação lateral da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de São João del-Rei. (Arquivo do Museu da Inconfidência - Ouro Preto - MG)

## **Bibliografia:**

A Arquitetura Eclética e sua integração com a arquitetura colonial de São João del-Rei; Ministério da Cultura; Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Fundação Nacional Pró - Memória; 7ª Diretoria Regional - Minas Gerais; Escritório Técnico de São João del-Rei - Minas Gerais

ALVARENGA, Luís de Melo. Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar: São João Del Rei - Minas Gerais/Luís de Melo Alvarenga. Juiz de Fora, MG s/n: FUNREI, Serviço de

BRASILEIRO, Vanessa Borges. São João del Rei: uma proposta alternativa de leitura do patrimônio ambiental. Monografia Final do Curso de Especialização em Urbanismo, Escola de Arquitetura da UFMG, 1995.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João del-Rei. 2 ed. Belo Horizonte. 1982, 2 vols.

COUTO, Thiago Segall. Patrimônio modernista em Cataguases: razões de reconhecimento e o véu da crítica. In: Arquitextos: periódico mensal de textos de Arquitetura). Texto Especial nº 264 – novembro 2004.

GUIMARÃES, Geraldo. São João del-Rei: Século XVIII, História sumária. São João del-Rei: Segrac, 1996. -

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

IPHAN. Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tomo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 4 ed. 1994.

LIMA, Sérgio Fagundes de Souza. Arquitetura São-Joanese do Século XVIII ao XX. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-rei, Volume VIII, 1995.

MOURA, Antonio de Paiva. Uma tradição de modernidade. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/univlercidades/modernismo/index.htm>

RAMALHO, Oyama de Alencar. A Rasura - Francisco de Lima Cerqueira e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ainda... São João del-Rei:Fundação Lusíada/RCS ArteDigital, 2002.

RAMALHO, Oyama de Alencar. CHAVES, Miguel Francisco Pacheco. Francisco de Lima Cerqueira na Vila de São João del-Rei, Minas, Comarca do Rio das Mortes – 1774-1808. São João del-Rei:edição única, 2008. 513 pp.

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. Verdes Modernos. In: Jornal de Minas – Edição de Março de 2008.

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. Saudação ao Governador do distrito 4580 do Rotary Club, Ronaldo William Moreira Valverde e a sua esposa Renata Alves Portela Valverde. São João del-Rei. 2005. Discurso proferido na sede social do Minas Futebol Clube.

SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta. O Movimento modernista Verde. De Cataguases-MG:1927-1929. Cataguases:Empresa Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008, 376p.

SCHVARZMAN, Sheila. As utopias de Humberto Mauro. Disponível em <http://www.studium.iar.unicamp.br/seis/3.htm>

SCHVARZMAN, Sheila. Humberto Mauro e as imagens do Brasil. UNICAMP, São Paulo.2000.